

Floresópolis

Santa Catharina

OUTUBRO
MCMXX

TERRA

ANNO I
NUMERO 17

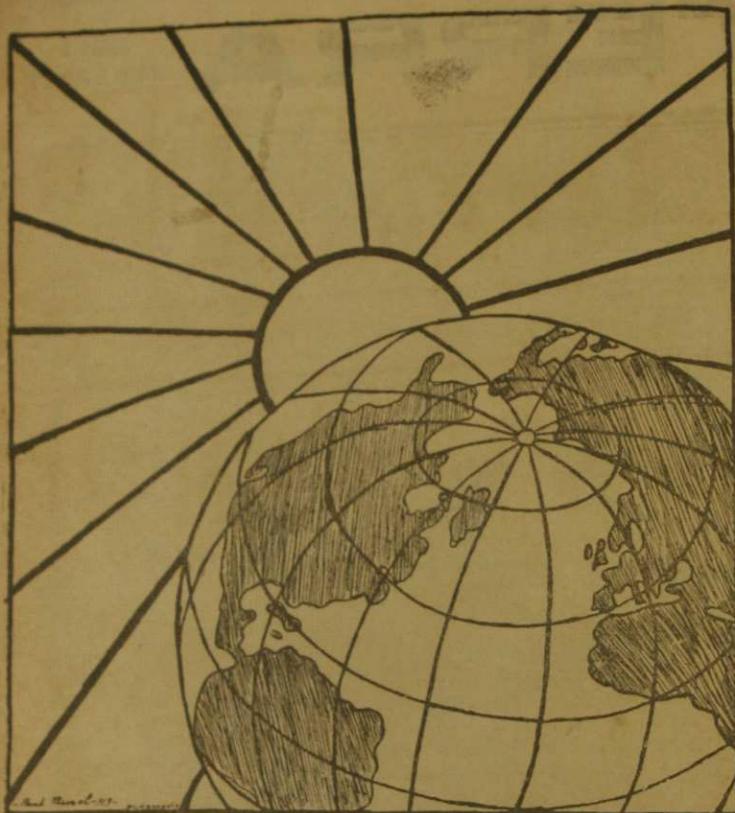
010101
Cid. 10-509-100
Reg. 10-997
Dat. 15-9-22



*Melhoramento da vida
com o trabalho
C. Reis*

Cabeça de velho

(Estudo de Carlos Reis)



• Terra •

Publicada sob a direcção e responsabilidade de

Othon d'Eça
Altino Flores
Ivo d'Aquino

Secretario:

Oswaldo Mello

—«0»—

Toda e qualquer correspondencia deve ser endereçada á:

REDACÇÃO DA

TERRA

Rua Visconde de
Ouro Preto
No. 1

—«0»—

Officinas graphicas

DA

“Republica,”

Rua João Pinto
n. 16

Acceptamos collaboração de qualquer parte do Estado e de fóra, desde que não seja longa, nem escripta em orthographia phonetica.

Das correspondencias dos municipios, que nos quiserem enviar, reservamos o direito de aproveitar-las no que acharmos interessante.

Publicaremos reclamações em cartas, desde que sejam breves, assignadas e em termos convenientes.

Não temos «Secção Livre».

Assignaturas

Anno	10\$000
Semestre	6\$000
Numero avulso	200 rs.

ANNUNCIOS

	1 pagina	1/2 pagina	1/4 de pagina
12 vezes	480\$000	250\$000	145\$000
8 »	325\$000	176\$000	90\$000
4 »	165\$000	90\$000	50\$000
2 »	85\$000	45\$000	25\$000



O jornal no Brasil

A missão do jornal, nestes tempos de hoje, é orientar a opinião publica para um fim superior e honesto.

O seu mister, antigamente, era o de um simples repositório de noticias (quase um caturra caderno de lembranças) onde se registravam, de permeio com descripções de tertulias e novenas faustosamente adjectivadas, pequenos factos de rua, um accidente vulgar, chegadas e partidas de veleiros!

A's vezes, para adocicar a leitura e amollear as damas, um bardo desferia o seu languido descañte, em acrostico. ou, então, lá vinha, para os futuros sarás do sr. conselheiro ou do dr. desembargador, um mote bem talhado, que os jogadores do gamão e os eximios homens da glosa, antecipadamente saborejavam, d'olhos no tecto, entre o caldo de galinha e as torradas patriarchais.

Por isso, o jornalismo avoengo era pacato, ordeiro, tinha joanetes e usava oculos.

Dahi raramente descer á arena dos combates, que para tanto não o enfardejava o bom Deus naquella attitude de commendador

Quando as idéias tacteavam, em busca duma sahida, pelas rijas e escuras paredes do craneo calvo que a retina, abafavam-as sob o peso consideravel da massa encephalica, para que, assim bem abafadas e mudas, ellas lhes não fugissem junto do sr. prior ou na botica, á hora do gamão e do cavaco.

De resto, o jornal de antanho, não conhecia o sabor duma descompostura em calão, nem a riqueza da chalaça em grande gala.

E, inoffensivos e candidos, com rapé e com torradas, mas sem malicias e sem chantages, o jornalismo ancestral cumpria honestamente o seu dever de serio informador do publico, pouco se lhe dando dirigir a opinião dos seus leitores.

Mesmo em materia de «opinões» elle era dum religioso e constricto respeito.

Hoje, não.

O jornal, filho da plutocracia popular da Encyclopedia e da *blague*, constitucionalmente revolucionario, vai levando o povo ao sabor do seu estomago ou do seu interesse.

Nada de sinceridade nos commentarios, nada de justiça nos julgamentos.

O sr. Escrupulo morreu asfixiado nas saias sujas da cavação.

No entanto, si quisesse, seria o jornal o unico Moysés capaz de levar o povo a uma Chanaan melhor.

Que a força de persuasão do jornal é tão indiscutivel como a redondeza de um globo ou a marada de um toiro!

Todos nós sabemos, por exemplo, que a estatua do palacio do Congresso é a mais evidente expressão da monstruosidade e da chatice artistica; não seria melhor representado o grotesco si o seu

autor tivesse a intenção de esculpir o grotesco!

Pois bem.

Comece o jornal, «com calor e insistencia, a chama-la «sublime», «obra de arte», «maravilha sem par» ou outras sonoras coisas com que se condimenta a glorificação, e todo o povo, em longos passeios lentos, com babosas paradas de bico erguido ao cimo do Congresso, rondará na praça Pereira de Oliveira, d'olhos avidamente pegados no alto do Congresso!

E achará e verá, mesmo que não as achasse nem as visse, antes, linhas soberbamente esculpturais, fulgores de genialidade autoral, evidencias magnificas de Belleza nesse monstro de cimento armado, que se assemelha, no seu todo, a uma anã com braços de macaco!

Maior espanto, com tal descoberta, não sentiram os Parecis—diante do gramophone civilizador do general Rondon.

Mas o jornal moderno, esticado de pressas e aturdido com as suas crises financeiras, não quer comprehender para bom fim a grande força moral que é toda sua.

Ao contrario. Emprega-a em ouzias «coisas», com intenções peiores.

Contra o desvirtuamento da missão do jornal no Brasil é que nós nos insurgimos!

Daqui, daqui deste cantinho do pais, victima quotidiana da voracidade carthaginesa de certa im-

Letras e Artes

«Que peuvent-ils faire
dans ce sépulcre?»
TAINE

Ha cerca de dez annos, quando no Gymnasio iniciavamos o estudo da Literatura, Othon d'Eça teve a ideia exalta e luminosa de fundar aqui uma «Academia de Letras», que, fatalmente, á imitação da Academia Brasileira, por sua vez imitada da «Académie Française», devia contar quarenta membros.

Quarenta! Onde buscá-los? Achariamos em Florianopolis quarenta «literatos» de dezete annos, como nós? Começamos a contar: Eu, tu, elle, aquelle, aquell'outro, fulano, beltrão, sicrano... E então? Não chegava a quinze o total dos immortaes. Uma Academia de quinze membros era uma miseria, uma vergonha, um opprobrio para a terra de Cruz e Sousa, Luis Delfino e tantos outros—como reza o discurso baírrista.

preusa carioca, que nos aponta á Patria como um povo fallido, como uma gente tão vil como a fozca, na Idade Media, para um cavalleiro!

A nossa insurreição, por isto, é mil vezes santa e mil vezes bendita, porque santas e benditas são todas as insurreições em nome da Verdade!

E tocarmos, sem cessar, as trombetas da critica e da ironia, e daremos as sete voltas tradicionaes em torno dessa Jerichó contemporanea, para que a cidade estulta e torpe se arraze, deixando ver o monturo que encerra dentro das suas muralhas.

Em vão que seja o nosso claudorar, fica-nos, no menos, a certeza do dever cumprido.

E por tão alta mercê, louvemos nós a Deus!

Alguem lembrou que podiamos trazer para o nosso meio alguns dos «velhos». Citaram-se nomes, que foram scpellidos. Não! que elles não sabiam nada do que se passava no terreno da Arte Nova, fugiam á palingeneia intellectual, estavam encoscorados de grossas crostas de carunchos, tresandando a Balmes e a Soares de Passos, a Bernardo Guimarães e a Montepin... E nós eramos os revolucionarios da hora solemne, os reformadores da Arte na Ilha dos Patos, aquelles que, das columnas das gazetas, semcavamos pelo quadrante do espirito as ideias fortes e fecundas, donde haveria de brotar a grande seara da Belleza intangivel! A patria olhava para nós, sentada á mesa do «Café Commercial», confiando no alarido travejante com que nos abeiravamos das questões mais subltis. Uma rapaziada que berrava assim não podia deixar de ter talento!

Mas, eis sinão quando a ideia do meu amigo Othon entrou a ser chasqueada pelas columnas daquelle pasquim de cortante titulo e encardida memoria—a «Tesoura»—com um furor de zulo. As chufas, ervadas de infamia, multiplicavam-se. Então sahi á campo, decidiu a espinhafnar o traste que ousava, de tal guisa, polluir a marjstosa «Academia Catharinense de Letras». Rabisquei pelo Argo: não sei quantos artigos furiosos, deram-me pelos narizes não sei com quantos desaforos de arreiro, e quase entrei em conflicto com Laercio Caldeira, o qual, diante da proposta que fiz do nome de Barreiros Filho para

presidente da projectada Academia, por ser (dizia eu) «um impeccavel purista», escreveu longa antipologia do purismo, que, felizmente, não foi publicada... Era esse o nosso scitio!

Mas, como diz a cançoneta ou coisa que o valha:

Tout passe, tout lasse, tout casse...

Não tardou muito e a ideia de Othon d'Eça morria como um foguete que, depois de ter subido, estoirado e derramado no ar um chuveiro de ouro, tomava nãum quintal escuso...

Volvida uma decada, a «Semana» relembrou a necessidade da fundação duma «Academia Catharinense de Letras» em Florianopolis, citando logo os nomes dos que a poderiam compôr. Por desgraça, apesar de na lista figurarem pessoas que, em boa logica, não podiam fazer parte della por não serem catharinenses, ainda assim não se attingia o número consagrado de quarenta...

Crecio, porém, que a difficuldade não está na quantidade de socios, mas sim na qualidade. Porque uma Academia deste genero, fugindo aos moldes adoptados, pode muito bem ser constituída de cem, oitenta, trinta ou dez membros. Da qualidade delles, repito, é que se questiona.

A meu ver, seria contrasenso fundar uma Academia com literatos que não escreveram ainda nenhuma obra e outros que já escreveram abundantes, mas pssimas. Não aponto nenhum do ultimos para não incorrer o vituperio dos cegos adoradores de bezerrros-de-ouro...

Um livro util

O sr. João de Deus Faustino da Silva, bacharel em sciencias juridicas e delegado auxiliar nesta Capital, é o autor de um util e valioso formulario policial, do qual temos um exemplar sobre a mesa.

Atendendo a difficuldade que têm os delegados de policia para a organização dos inqueritos, muitos dos quais exigem conhecimentos profissionais, resolveu o Autor enfeixar num volume um formulario minucioso, prevendo com grande tino e segurança os casos que precisam da intervenção da autoridade policial.

O autor quis fazer um trabalho «necessível aos menos experimentados». E logrou fazê-lo, tal a clareza e a minucia com que previu as hypotheses aventadas, tal o empenho que houve em acordar as mais simples explicações.

O trabalho está dividido em 5 partes. A primeira encerra disposições constitucionaes e penaes que

se prendem estreitamente á acção policial, explica o modo de contar o parentesco civil e trata finalmente dos termos de livros e do compromisso dos inspectores de quarteirão. Ha certa disparidade em reunir sob um mesmo titulo materias tão differentes e melhor seria, certamente, que os capitulos IV e V constituissem um appendice da obra, a virem no lado das disposições de direito substantivo tratados pelos capitulos anteriores.

Mas essa observação que é apenas uma prova de que temos com attenção o util trabalho do sr. João de Deus Faustino, em nada desmerece o valor da obra, cujo fim, aliás, é sobretudo pratico.

A segunda parte trata da Policia Preventiva, dividido em tres titulos, que tratam das casas de penhores, inspecção de vehiculos, theatros e espectaculos publicos, e dos termos de bem viver e de segurança.

A terceira parte comprehende a policia repressiva. É a mais importante da obra, sobretudo no que respeita á prisão em flagrante delicto. São previstas em relação a este seis hypotheses differentes, expostas com muita clareza e muito cuidado.

A quarta parte consta dos accidentes de trabalho e a quinta das infracções dos termos de bem viver, tomar occupação e segurança.

Em appendice, foi feito o formulario para quesitos nos autos de exame de corpo de delicto.

Quem ler esse trabalho, e attentar no fim a que se propôs, não deixará de reconhecer que foi uma contribuição valiosa e meritoria para a nossa boa organização policial, e que muito sinceramente felicitamos o seu autor, que deu uma prova indiscutível do seu talento e competencia profissional.

Pois, senhores, este é que é o ponto.

Ha aqui oito ou dez legitimos homens-de-letras, não por terem lançado ao publico alguns volumes de prosa ou verso, mas legitimos pelo carinho com que tratam a lingua vernaculo, o amor com que cultivam a Arte e o tacto com que versam as Sciencias. Para elles, a publicação dum livro é coisa séria, seríssima; e, comprehendendo escrupulosamente a responsabilidade da empresa, não ousam aventurar se aos acasos da critica. Verdade verdade, o renome de «criptor primoroso» não é lá coisa que custe muito a obter, visto como os criticos do Pindorama não têm fiôra nem medulla, e de prompto abaixam a scrula justiceira para cantar a mediocridade

dos autores, uma vez que estes lhes offertem as obras com quissalhanes adjectivos de rasteira adulação. Mas, o futuro—para o qual os paparretas da Literatura têm o descoco de appellar quando se vêem atarcalos pelos que lhes descobriram o saber pernicioso,—o futuro ha de reduzi-los á sua justa proporção...

Salvante essa dezena de verdadeiros espiritos cultos, o resto é uma ciganaria literaria de quinta classe, composta de fabricantes de maciças brochuras ou lymphaticos folhetos vis, onde os pronomes andam como gatos em sacco e os conceitos lembram monologos de idiotas em corredores de manicômios.

Já a «Semana» deve ter comprehendido que, com a fusão dessas duas classes, não se

póde fazer sequer uma sociedade literaria, quanto mais uma austera e grave Academia. Dum lado, gente que sabe escrever, mas recusa fazê-lo; d'outro, sujeitos que não sabem escrever e, contudo, escrevem... Haverá caso mais curioso?

Uma «Academia de Letras» em Florianopolis é ideia que nos vem á cabeça quando temos dezeseite annos e, ás vezes, occorre aos que prolongam a leviandade desses dezeseite annos pela vida adiante.

E a mais ninguém.

A flores

Sabemos ter a platéia de Paragná vindo a «troupe» Canella, na primeira noite de espectáculo.

Versos do povo

I

O lyrismo provençal, nascido das lindas tradições dos gaules, da encantada magestade dos templos druidas—a matta mysteriosa e o céu purissimo da França,—tinha duas classes representativas: a dos jograes, tropeiros ou dizedores, aquelles que gaudiam de terra em terra, levando, em cantilenas, alegrias e soffreres pelos pousos sem fim; e a dos trovadores, os filhos d'algo da Trova, compositores emeritos e emeritos palacianos, sulicos cantadores das vaidades feudaes de então.

Assim, bem no berço, a canção começou a viver duas vidas, duas sortes, dous fadarios: para a esplendente vida dos salões, para o arrastamento plebeu das calçadas.

E quando o lyrismo provençal morreu no solo patrio, a canção, na sua qualidade de vida, irradiou-se, conquistando novas terras, vivendo sob novos climas.

E' que ella falava ao coração da gente. . .

A canção fidalga galgou solios, e foi gemer, cheia de amor, nos balcões floridos da Edade Media.

A outra, coitadinha, foi ahí pelas ruas, ao serviço dos humildes, saltando da calçada á sargeta, da sargeta para a Rua, sempre soffredora, mas sempre tambem presa da ascendencia dos jograes, ironica e maldosa, unindo assim, num extranho consorcio, o riso com a dor, no seio liberrimo da Rua.

E a Rua consagrou a canção, chamando-lhe modinha, versos da calçada e musa da sargeta.

Portugal acolheu os jograes de Provença, quando a maldade dos Papas exilou-os da patria, conservando uns olhos que *choram de amor*, na mais antiga serranilha, ballada do tempo de Ayres Nunes.

*Sob o ramo florido
Todas fazem ao meu amigo
Choram olhos de amor.*

Vieram, após, os cantos de ledino; os de origem franceza, as sati-

ricas serventescas, «cantigas de mal dizer»; os lamurentos solaus, gemendo amores que se foram; as *alvoradas*, bellos hymnos ao sol, á Natureza bôa-fada, á vida pura e simples dos camponios;—vieram as *pastorelas gentis* em que sempre andava a embellezar-lhes os versos uma lindeza de pastora guinando brancas ovelhinhas; appareciam tambem, ao calor peninsular, os *lays* e *virelays*, vindos da Bretanha dos nevoeiros e rezas, trovando as lendas de Arthur ou da Tavola Redonda; e dos Arabes, atravessando o mar, chegavam as *Tensões*, que o desafio dos nossos sertanejos é uma semilhança flagrante.

As decadas se succederam.

Portugal fez-se ao mar a descobrir mundos: a maruja, sob o céu d'outros mares «nunca doutrem navegados», gemeu saudades da patria, e o fado nasceu. Da saudade, do mar, da immensidade.

E como a Conquista ficou sendo a alma de Portugal, o fado, nascituro da Conquista, se tornou a alma da alma portugueza.

Portugal, disse uma escriptora daquellas plagas, terra de amor, de flores e de sol, é a terra onde perpetuamente se canta; todo o trabalho é feito a cantar: a canção regional do norte, isto é, do Minho e Douro, é leve, alegre e fresca—diz com os seus campos muito verdes e com os cachos d'ouro das suas vinhas, diz com a mocidade e garridice das suas aldeans em tarde de romaria:—ao sul nas Beiras, com a presença das altas montanhas a alma do povo enche-se dum vago mysticismo; é mais penoso o trabalho,—e a gente que moureja no campo tem, como o serrano do Camaruro ou da Estrella, um cantar mais forte é mais lento, por vezes triste e resignado.

A verdadeira canção portugueza, porem, a mais caracteristica, a que se ouve de norte a sul, é o fado, a musica ondeante da saudade e do fatalismo—fado: o destino, a sor-

te!—; canta-se principalmente na faixa do littoral e, os seus ais, choram o mar pesado de gemidos e a alma portugueza, amorosa, pesada de sonhos e indefinidas penas. . .

O portuguez, fadista consumado trouxe para a Colonia, para o Brasil d'antão os ais do seu fado. A canção que aqui surgiu para a vida cheia de sol da nossa terra, recebeu do portuguez aquelles bellos momentos patrioticos que entremevam a historia dos seus maiores. E mais, mais lhe deu o fadista portuguez. Deu-lhe rondós, romances, xácaras que lembravam intriguinhas de amor, evocavam a côrte mesurera de bofes engomados e saias de balão. Deu-lhe enfim aquella complexa alma portugueza do seculo das descobertas.

O Indiano que resumia a sua razão de ser na taba que defendia o no arco que manejava, só cantando um hymno que era o da guerra; o indiano deu á nova canção o som do maracá e da inubia, a immensa alma das selvas.

O negro, deu-lhe os cantos do fetichismo d'África, tão rudes como as suas crenças: deu-lhe o monotonio de repetições.

Essas, as condições hereditarias contribuintes para a formação integral da nossa modinha, dos nossos versos do povo.

Lucas Boiteux, o bandeirante-mór da historia cathariense, num valioso estudo do vosso *folk-lore*, infelizmente inédito, usa na prefacção essas palavras de ouro:

Nas horas de calma e de repouso, ao crepusculo suave, nas clareiras das derrubadas, junto ao fogo crepitante e evocador, ao papel das primeiras estrellas no azul sereno e limpido; ouvindo o brando marulho dos beijos roubado pelas ondas á praia branca e luminosa; escutando os estalidos secretos e mysteriosos que o seio da floresta impenetravel esconde;—aordou a *saudade* no peito do branco, a lem-

A poesia em Santa Catharina

Diz-me os teus versos e eu te direi a tua alma.

Si nos fosse atirada ás bochechas tal intimação, Santo Deus! em que estado lamentavel ficaríamos!

Porque, verdade seja dita, nós atravessamos uma época de extrema penuria poetica!

Andamos nós, em poesia, quase devorados de fome e ressequidos de sede.

Actualmente, em rimas, Santa Catharina faz doer o coração mais duro.

Apenas Araujo Figueiredo e João Crespo vibram, de quando em quando, a grande lyra de Apolo, dando-nos esses versos que nos toam n'alma como um consolo e uma remissão.

Mas, Araujo e Crespo são apenas dois poetas e, numa popula-

ção de mais de quatrocentos mil craneanos, que sorte terão *duas unicas* lyras a vibrar?

Talvez a mesma quea de dois versos em quatrocentas mil paginas de implacavel prosa anthropologica:

Serem devorados pelos canibais!

E são, de facto, os versos desses dois poetas, devorados pelo canibalismo dos versos barbaros que, de uns tempos para cá, têm fugido das aringas e das malocas para perpetrarem correrias e matanças, armados de livros e jornaes.

Por isto, Santa Catharina dá a impressão duma terra arida, sem alma e sem poesia, ou, por outra, duma terra onde o verso ainda está trepado na arvore, pelludo e feio, ensaiando as palavras primeiras na onomatopéa dos guinchos de prazer e de luxuria.

Corramos os olhos por este berço de Cruz e Delphino.

E o que vemos nós, além dos versos de Araujo e Crespo que es-

caparam á ferocidade dos authropophagos?

Um amontoado de chatices ignobilmente rimadas, de rabôna e chapéu côco, saracoteando um cancan, asselvajado de lóas e erotismos funambulescos.

De vez em vez, lá vem um lam-pifero sonetinho *A Ella* ou *A Ti*, que, se houvesse uma policia correccional nos dominios da literatura, levaria os seus autores ao banco dos réus e á cadeia.

No entanto, meu adoravel Codigo Penal, ninguém se lembra de appellar para os teus freios juridicos, uma vez que se não pôde recorrer aos outros freios de ferro que têm acicate e correatinha ornamental.

Assim, desprovida de poesia e desprovida de freios, Santa Catharina vai dando ao pais, a impressão d'uma terra mais árida que o Sahara e menos policieada que a Cafraria.

E o será, *per saecula saeculorum. Amen.*

brança da patria distante; a *nostalgia* no Indio lembrou-lhe a vida incomparavel das seivas; e a *Banza* apontou ao pensamento africano a liberdade perdida.

E a alma das tres raças concorrentes, alanceada pelo mesmo pun-gitivo e natural sentimento, precia-va dum lenitivo; e do peito do-ido deslaçou-se uma catadupa de soluços nervosos, mixto de risos e de lagrimas. Foram as primeiras *cantigas* brasileiras.

E' bem assim.

O branco teve saudades. Para além do mar ficaram-lhe os amou-res, a luza terra, a ditosa patria sua amada. O indio caçado pelo homem branco teve nostalgia da *taba* O negro, o soffredor da maldi-ção de Can, o que arrastava a maior, a mais lancinante dor da-quelle tempo; o negro, já incapaz de chorar, sentia morder-lhe o co-ração, a Banza, a doença da sau-dade que, quando não os matava... fazia-os cantar! . . .

E nasceram dahi as primeiras *cantigas* brasileiras.

Laercio Caldeira

Um hydroplano mysterioso

Há dias correu nesta cidade um boato.

Dizia-se que pessoas, que nos merecem inteira fé, tinham visto, ás onze horas da noite da semana passada, baixar, nas immedições da bahia norte, na Praia de fórn, um hydroplano.

Todos o presentiram pelo ruido e muita gente viu quando elle pou-sou n'agua, tendo ainda uma lusinha, que brilhava como um pharól!

Um dos nossos, cá da *Terra*, conversando com uma das cidadas pessoas que testemunharam o facto, colheu d'ella ser verdade o que se affirmava.

A pessoa a que alludimos viu o tal hydroplano descer e subir de- pois, rumo norte!

Dada a procedencia do facto, é para a gente perguntar:—quem seria?

Um hydroplano argentino?

Talvez o que estava prestes a fazer a viagem Buenos Aires-Rio?

E' possivel... Mas si fosse, como é que até hoje não se têm noticias?

Aconteceria algum desastre?

O facto é que a coisa é meio mysteriosa! E como essas coisas mysteriosas são muito serias, pin-gamos discretamente o pontinho final.

Do norte do Estado regressou o sr. Altredo Luz, advogado e deputado estadual, sendo recebido pelos seus amigos, que são muitos em Santa Catharina.

O DOMINGO



O footing na Praça 15

Fragmentos da historia da musica

A 2ª symphonia de Beethoven

Após a execução das duas primeiras symphonias e do concerto em dó menor, para piano, o que teve lugar em 5 de Abril de 1803, Beethoven começou a escrever a 3ª symphonia a que terminou em 1804, dedicando-a a Napoleão, primeiro consul.

Trazia, então, o titulo de — Napoleão Bonaparte — Luiz von Beethoven.

Quando, porem, o autor de «Fidelio» soube que Napoleão, o consul, havia sido guindado ás culminancias do throno, substituiu o titulo do seu grandioso trabalho pelo de — *Symphonia heroica*, como que para commemorar a lembrança de um homem que soube ser grande e forte.

Em 1802, logo em seguida á publicação das tres sonatas para piano, op. 31, Beethoven disse a Krempholz, seu professor de violino: «Não estou contente, até agora com as minhas composições; a partir deste momento, seguirei um novo caminho».

Dizem os criticos, os mais competentes, que esse novo caminho foi iniciado com a symphonia em questão, que dentre os seus numerosos compassos um só não contém que denote o illustre classico influenciado por Haydn ou Mozart, como anteriormente acontecia.

Na segunda parte do primeiro movimento (*Allegro com brio*), depois de alguns fortes e pianos que se succedem do quartetto para as madeiras, os violinos atacam um tremulo formado por um fragmento do accordo dominante de mi bemol, tempo maior, ao mesmo tempo que a trompa faz sentir um pedaço do thema inicial, escripto na tonica do mesmo tom.

Semelhante harmonisação não era absolutamente permittida naquella epoca, por ser contraria á todas as regras então prescriptas.

Commettia, portanto, Beethoven um não pequeno crime de *lesa-arte* ou, como disse um

chronista, uma ousadia, do que resultou um facto muito curioso, dado precisamente num dos ensaios da sua magnifica obra.

Ries, amigo de Beethoven, assistia ao lado deste, a um ensaio da 3ª Symphonia.

Corria tudo na melhor ordem e a contento dos ouvintes.

Subito, os violinos atacam o tremulo, e depois de quatro compassos ouve-se a trompa que executa, com fidelidade, o fragmento do thema inicial.

Mas Ries, que suppunha ter-se a trompa enganado, fazendo uma falsa entrada, exclama indignado: «maldito trompista! não poderias, ao menos, ter contado? — isso sóa horrivelmente mal! . . .

A. Souza

NOTA. — Em o numero pasado, nesta secção, no artigo — «A origem do bemol, etc.» onde se lê, por duas vezes, chave, lêia-se clave.

Figuras da t ela e do palco



WALLACE REID
 in "Alias, Mike Moran"
 A Paramount Picture

Wallace Reid, que será apreciado no "Ponto Chic", na proxima quarta-feira, no film "O bom exemplo".



Roscoe F. Arbuckle, tambem chamado "Chico B ia". Os frequentadores do "Ponto Chic" ter o a oportunidade de v e-lo muito brevemente.

O sr. Alexandrino de Alencar, almirante reformado, reverter  ao serviço activo da Armada nacional.

O velho marinheiro, cuja mocidade d'alma   flagrante e consoladora, voltará a prestar os seus serviços ao país.

Anniversarios

Fazem annos hoje :

Srs. Vidal Ramos, senador federal, Trillo Carallappi; senhorita Leonor Rodrigues e as exmas. sras. dd. Maria Luiza Ferreira de Mel-

lo e Capitulina Roberge.

Amanh a :

Senhorita Julieta Negrão, a menina Diamantina X. Baptista e o joven Clodoaldo Athayde.

A 26 :

Senhorita Julia Medeiros e a menina Ivette Garcez.

Como os animaes sentem a musica

Antes de dar ao leitor um resumo do curioso estudo realizado acerca da influencia da musica sobre os animaes, desejaríamos perguntar se o homem, para o qual a musica constitue um dos mais caros e luxuosos espectaculos, demonstra sentir a siqueer tão sinceramente como os animaes?

Não devemos esquecer, nesta época de temporadas lyricas, que o homem paga, e paga muito bem, para ouvir musica e, em geral, está eximido da necessidade de manifestar as suas emoções deante de um trecho musical.

Comtudo poderíamos desco-brir nesse sentido algumas leis geraes tambem para o animal chamado homem, tomando sempre como ponto de referencia a maioria.

Para o homem a musica origina geralmente (sobretudo se é pae de familia) grandes despezas. Asmulheres, deante do anuncio de um espectáculo lyrico, ou de um concerto, experimentam a tentação de exhibir trapos e joias. Na mocidade tanto de um como de outro sexo, certas musicas despertam o frenesi da dança, e servem de pretexto para rodopiarem aos pares, franca e livremente unidos . . .

Após esta pequena digressão acerca da influencia da musica sobre o animal-homem, podemos entrar em materia, resumindo o que diz a respeito do assumpto um sabio americano, que começa affirmando:

«A quantidade de leite que produzem as vaccas augmenta de 15%, se, no momento de ordenha las fazemos executar algum trecho de musica.

E' factu compravado que os animaes mais ferozesse acham bem sob a influencia da musica. Até o proprio tigre perde a aggressividade caracteristica quando ouve sons harmoniosos. O leão

gosta immenso de musica e fica escutando durante horas seguidas as peças molodiosas que lhe queiram tocar; em compensação enturece-se com a musica de pancadaria e as peças dissonantes da escola morderna. Os leopardos gostam da musica leve e de compasso acelerado.

Os elephants, (isso no-lo assegura um empregado de circo) trabalham muito bem com a musica magestosa e lenta, especialmente se forem marchas; quando por acaso, a musica tem caracter frivolo, o animal manifesta de modo inequivoco o seu desagrado.

Os camellos caminham melhor sob a influencia da musica.

O cavallo leva algum tempo a habituar-se com a arte divina dos sons, mas prefere os instrumentos de sópro aos de corda.

As vaccas saltam, e até chegam a dançar com a musica das gaitas; não se sabe ao certo, porém, se o fazem por prazer ou desagrado.

O cachorro, quando é de tra-to, ama apaixonadamente a musica; em geral, porém, manifesta ao ouvi-la grande excitação.

Os lobos, chacaes, rapozas e outros animaes selvagens, dão provas de grande desassossego ao ouvir qualquer trecho de musica.

Alguns reptis venenozos podem ser tratados sem perigo, deixando-se até pegar inoffensivamente quando submettidos á influencia da musica.

Desses reptis, todavia, convêm exceptuar as sogras... quando dos outros.

O MOMENTO

Mais uma revista acaba de apparecer em Florianopolis, sob um bom signo de victoria.

Bem feita, com um texto acolhido e variado, certamente a novel collega ha de encontrar no povo patricio a acolhida que meréce.

Que a sua vida seja longa e feliz, é o nosso grande desejo.

Jardim Maravilhoso

E' com sinceridade e effusão que felicitamos ao nosso collega sr. Clementino Brito pelo exito da peça infantil, «Jardim Maravilhoso», levada quinta-feira no Theatro «Alvaro de Carvalho» em beneficio da Associação das Damas de Caridade.

Theatro á cunha, foi a escolá de Florianopolis que applaudiu a mimosa opereta a que o maestro Alvaro Ramos enfeitou com as mais lindas partes musicais, com a collaboration dos musicistas srs. Hugo Freysleben, Arthur Freysleben, Lulú Emmel, Lucio Livramento e maestro João Penedo.

O ensaiador, sr. Dante Natividade e o contraregra, sr. Rodolpho Bosco, desempenharam com cuidado a incubencia que lhes fora dada, fazendo com que o «Jardim Ma-

ravilhoso» tivesse um conjunto admiravel.

Todas as senhoritas, rapazes, musicos e meninas, em numero de mais de 50, portaram-se com muita graça e desembaraço no palco.

Dentre as senhoritas destacaram-se: Ita Guilhon, no papel de Flora, Maria Peixoto, Andaluza; Helena Teixeira, Quitandeira, e Inah Ortega, Cigana. Dentre as meninas, Carmen Tavares, no papel de Magnolia; Dinah Paladino, no de Violeta branca; Helyette Campos, no de Açucena. Dentre os meninos: Fioravanti Testa, o Napoleão, Togo Septiba, o Jasmin, Armando Ferreira Lima, o Lirio e Renato Mello, Orlando.



Estante do vernaculo

METAPLASMOS

(Ponto de grammatica historica organizado para os alumnos do 3º anno do Gymnasio Catharinense).

a) **brandamento** Consiste na transformação de um phonema forte em outro fraco. E' um dos phenomenos m-is communs na passagem do latim para o portuguez, e nota-se, sobretudo, entre as consoantes homorganicas.

(i) *vitate* (m) — cidade
moneta (m) — moeda
lacrare — *ladrar*
lacu (m) — lago
lacrima (m) — lagrima
apotheca (m) — bodega
pacare — pagar
apricu (m) — abrigo
vipera (m) — víbora
caput — cabo
vicinu (m) — vizinho

A dental forte *t* abranda-se em fraca *d*; a guttural forte *c* (kê) na fraca *g* (guê); a labial forte *p*, na fraca *b*, etc.

O abrandamento raramente se dá nas consoantes iniciais, em virtude do principio já explicado da *conservação dos valores iniciais*.

Algumas vezes ha a mudança de uma consoante branda por outra branda homorganica, como em

caba lu (m) — cavallo
habere — haver
faba (m) — fava.

Nota.—As consoantes mediais geminadas latinas (tt, cc) não se abrandam na passagem para o portuguez. Assim *capitū gātū peccare* — peccar guta — gōta ou gōta, em vez de *gado, pagar, gōda*.

b) Assimilação

E' o phenomeno que consiste no desaparecimento da diversidade de valores, afim de evitar esforço na emissão da voz.

A assimilação pôde ser *progressiva* ou *regressiva*. Dá-se aquelle, quando o phonema ass-

milante se acha antes do assimilado, e esta no caso contrario.

I) progressiva

Nostrum — *nosto* — *nosso*; *vostrum* — *vosto* — *vosso* (a respeito de *vostrum*, em lugar de *vestrum*, veja-se o que ficou dito quanto ao «principio de analogia».

II) regressiva

ipsum — *isso*
persicu (m) — *pêssego*
persona (m) — *pessoa*
in-legal — *illegal*
perlo — *pello* — *pelo*
ad-nexo — *annexo*
amarlo — *amallo* — *amá-lo*.

Os casos de assimilação regressiva são mais communs que os de assimilação progressiva.

c) **Dissimilação** E' o phenomeno contrario ao de assimilação, consistindo, portanto, na diversificação de dois valores iguais. São raros os exemplos. Entre outros podem citar-se: *Massilia* (m) — *Marselha*; *meimelu* (m) — *marmelo*.

d) **Alargamento** E' a ampliação de uma voz para constituir diphthongo. Ocoer geralmente quando se dá a syncope de uma consoante intervocalica, afim de evitar o hiato.

Avena (m) — *avea* — *aveia*
foedu (m) — *fêo* — *feio*
catena (m) — *cadea* — *cadeia*
tela (m) — *tea* — *teia*
frenu (m) — *freo* — *freio*
credo — *creo* — *creio*

e) Metathese

O contacto de duas vogais resultante da syncope da consoante medial determina tambem a troca de posição entre ambas, ou por euphonia, ou para obedecer á lei do menor esforço, com o evitar o hiato.

faciles — *facies* — *facéis*; *amabiles* — *amavies* — *amavéis*.

Pôde-se ainda notar a metathese em *pro*, *super*, *inter*, que deram *por*, *sobre*, *entre*.

f) Attractão ou hyperthese

E' a deslocação da vogal de uma syllaba para outra, formando diphthongo.

rábia (m) — *ravía* — *raiva*
capio — *cábio* — *caibo*
primário — *primairo* — *primeiro*

Nota.—A differença entre *metathese* e *hyperthese* ou *attractão* está em que a primeira se opera no seio de uma mesma syllaba e a segunda de uma syllaba para outra.

Vide:

super — *sobre* (metathese) *rábia* — *raiva* (hyperthese)

O povo costuma dizer *estauta*, em vez de *estatueta*, *rosairo* (forma archaica) em vez de *rosario*, *areoplano* em lugar de *aeroplano*, neste ultimo caso para evitar o hiato forte da primeira syllaba.

g) **Vocalização** E a transformação da consoante em vogal. Dá-se com a primeira consoante dos grupos *ct*, *pt*, *gn*, *lt*, *bs*.

Determina tambem a diphthongação como os tres phenomenos antecedentes.

A vocalização pôde ser para *i* ou *u*.

factu (m) — *faito* — *feito*
pectu (m) — *peito*
preceptu (m) — *preceito*
regnu (m) — *reino*
actu (m) — *auto*
alteru (m) — *outro*
absente (m) — *ausente*.

Nota.—Os phenomenos de *alargamento*, *metathese*, *attractão* e *vocalização* determinam a diphthongação como os alumnos poderão observar:

cadea — *cadêia* (alargamento)
facies — *facéis* (metathese)
ravía — *raiva* (attractão)
pectu — *peito* (vocalização)

h) Consoantização

E' a permuta da vogal em consoante.

Hiacintho — *Jacinto*
Hierusalem — *Jerusalem*
Hieronymo — *Jeronymo*
hierarchia — *Jerarchia*

Jacobinismo português

Fala-se muito do jacobinismo brasileiro, mas o phenomeno é hereditario e nada ha mais ferrenho, bravo e insospitavel que o patriotismo português.

Não queremos tratar aqui, de uma questão do momento que está «sub judice»; e, em quanto em mãos do juiz, o silencio forma um ambiente proprio á imparcialidade.

Queremos falar, do modo geral da politica «literaria» de aproximação luso-brasileira, especie subtil e quase diplomatica pela vaga obscuridade de seus dizeres.

Esse movimento indefinivel, tem-o acompanhado com crescente incompreensão de seus intentos.

Já foi, aliás, classificado como dithyrambo innocuo, por uns; como delirio poetico ou maçonaria burocratica por outros.

Como quer que seja, senão o facto, pelo menos a tendencia subsiste ainda.

Não sabemos, em verdade, o que significa. Talvez não seja uma idéa, mas um sentimento apenas.

E' preciso, todavia, não menosprezar os imponderaveis. Como o homem vive de ar, as sociedades tambem necessitam desses alimentos subtis e impalpaveis.

Neste caso e nesta especie, a nossa incompreensão pode ser explicavel.

Não sentimos.

Não tendo noticia alguma de attitudes hostis e aggressivas contra os portugueses que collaboram connosco na grandeza da terra commum, difficil fóra explicar um supposto antagonismo intellectual entre os dois povos.

Somos extremamente reconhecidos á nossa collega *Epoca*, pela solidariedade que nos prestou, por occasião do sujo e vil ultrage que soffremos da *turba Cancellá*.

Não podíamos esperar outro gesto do nobre semanario que, órgão da hõa imprensa, com os nossos collegas *Republica* e *Estado*, mantem bem alto as fortes tradições moraes da terra barriga-verde.

Sempre nos parece: despropositado e «sine materia» um programma de intensificação desnecessaria de relações que não cessaram nunca de existir.

Ha, sem duvida, uma subtracção successiva da influencia intellectual portuguesa no Brasil: já não precisamos como outr'ora, de uma palavra de recommendação de Herculano ou de Castilho.

Os tempos são outros.

Talvez venha dessa emancipação, que é apenas um signal de crescimento, o desejo de reatar a interdependencia das duas literaturas.

A theoria do relativismo de Einstein que hoje corrige as velhas leis newtonianas, aconselha a ver nas coisas, não tanto «coisas», mas «acontecimentos».

Convém envolvê-las na quarta dimensão, a do tempo, para ter a imagem stereometrica e verdadeira do que são.

Para nós americanos e emancipados das ligações umbilicæes e coloniaes, o tempo abriu já uma divergencia enorme das antigas metropoles.

Somos diferentes, e até certo ponto indifferentes.

Os escriptores portugueses que se occupam de aproximações estão fazendo a tarefa de Sysipho, coisa inutil e eventualmente antipathica.

Parece que nos estão a ver, como dizem os «yankees», pelo lado errado do binoculo. Fazem-nos distantes nos momentos em que estamos proximos e perdem com a noção das distancias a das conveniencias.

Se a qualquer dos dois paises coubesse o dever de incitar aproximações intellectuais, ao Brasil é que importaria tomar a iniciativa.

Não somos conhecidos em Portugal. Na sua imprensa, nas suas livrarias e nos seus catalogos bibliographicos, não ha vestigios da cultura brasileira.

O pouco que lá sabem é de ouvido ou de correspondencias epistolares, de reciprocidades por vezes reprehensiveis ou de subsidios de torna-viagem.

E a nossa vida mental é tida como uma especie de sotaque, generalizado a todas as coisas do tropico. E' açucar colonial.

E' evidente e não necessita demonstração que o Brasil é um lugar vago para quantos queiram.

A aproximação está patente na assiduidade e presença, aliás agradável, de portugueses na imprensa literaria do Brasil, nos mostruarios de todas as lojas brasileiras de livros.

De longe ou de perto os intellectuaes portugueses aqui escrevem, aqui são lidos. Que mais querem?

Tudo isto, sem reciprocidade de especie alguma. Nem escrevemos nós na imprensa portuguesa, onde não teríamos lugar, e nem os nossos livros se encontram nas livrarias de Lisboa, do Porto ou de Coimbra.

Continuamente, os nossos autores são solicitados pelos collegas de além-mar a enviar exemplares de obras que lá desesperam de encontrar e conhecer.

Desta arte, a nós caberia a iniciativa se nos conviesse, do apreço do intercambio intellectual.

A verdade deve ser que não convem ou convem muito pouco. Não pensamos em collaborar em jornais portugueses nem promovemos a diffusão da literatura brasileira em terras de além mar.

E a razão dessa inconveniencia é perfeitamente clara: não ha nenhum interesse economico apreciavel nesse commercio, e o interesse de ordem intellectual é já agora muito duvidoso.

Os portugueses da Europa bastam-se a si proprios, e não comprehendem a literatura americana: acham-na bastarda, imperfeita, differenciada, languida ou disforme, em qualquer caso sem maior interesse que o de uma amostra dialectal.

E depois, a attitude portuguesa, é emphatica, e, por vezes, insupportavel. Falo da attitude natural e inconsciente que, não o sendo, nos parece atrevida.

Queremos tomar para exemplo

Um aviario em plena cidade

No fim da rua Anueta Garibaldi, quase no Campo do Manejo, num ângulo formado por duas cercas rústicas que o guáco enfeita e o caruncho róis:

Orpingtons alvas, carijós esbeltas, amorosas arripiadas, cacarejam aos pintainhos, nesse aviario virgíliano onde a relva cresce:—sob a benção do Senhor e a complacência da Municipalidade.

A's vezes, no intervalo das cristalinas pancadas que uma araponga vibra na bigorna da garganta, um gallo encurva o irisado pescocinho e solta um vibrante canto de entusiasmo e de victoria.

E o seu canto se espalha no ar,

frême um instante, e vai morrer na planura do Campo, onde brincam fátos de cabritinhos e pastam «pensativos cavallos» sem donos.

Nestes dias de calma e de recolhimento, é uma delicia esse recanto bucólico da cidade, assim cheio de cacarejos, de cantos estridentes, do pipilar dos pintainhos, tão continuo e doce que parecem—gôtas d'agua cahindo sobre um disco de cristal!

S. Pacomio, mesmo S. Simeão Stylita, não desejariam melhor calmante para o espirito.

Quando um automovel passa, buzinando raivosamente, ha um grande rumor, um assustado bater d'a-

sas, um appello angustiozo das amorosas arripiadas aos pintainhos que escabicham longe.

Dir-se-ia, num Eremitério, o brusco apparecimento de dois pés de cabra ou d'uma cauda felpada. . .

Mas. . . passado o susto e o alvoroco, eis a Paz de novo reinando entre as aves, já que não pôde reinar entre os homens. . .

Uma Paz divina, socialista, ampla, em que todos os seres vivem como irmãos, isentos de ignobeis preconceitos de raça e de coercitivas posturas municipais.

Et nunc et semper...

os dois ultimos propagandistas da aproximação, amigos sinceros, leaes e cheios de extraordinaria sympathia pelo Brasil.

São elles, já se adivinha, Alberto de Oliveira e João de Barros.

São de tal modo nossos amigos que com um rijo abraço de fraternidade chegam ao ponto de nos supprimir. . .

A esses processos de asphyxia amorosa cá chamamos—«abraços de tamanduá».

Assim João de Barros annuncia e realiza uma conferencia de aproximação a que dá o titulo de—«Portugal maior».

E o Brasil?

Onde ficamos nós? alli dentro, absorvidos e escondidos por uma ellipse grammatical.

O que ha é—«Portugal maior»; em genero e em especie; nós outros não passamos de um sob-entendido.

É natural que protestemos contra a gentileza de tamanha absorção.

Afinal, já passa de quatro seculos que temos um nome e não queremos perde-lo numa ingenua allegoria rhetorica.

Mas, para o nosso amigo—*Portugal maior*—dispensa a superfluidade verbal de um Brasil.

É uma attitude inconsciente, escrevemos: porque a intenção não podia deixar de ser a mais gentil possível.

O outro propagandista é o nosso amigo, o diplomata Alberto de Oliveira, que tantas affeições aquí deixou quantas as saudades que teria levado de seus admiradores.

Alberto de Oliveira deixando o Brasil, escreve um livro e logo o intitula—*Portugal da outra banda*—ou, a—*Outra banda de Portugal*.

De novo, sentimos o effusivo abraço do tamanduá. Desapparecemos inteiramente como um sob-entendido. Que fizeram do Brasil?

O que ha é Portugal; e fóra das letras unciaes, ha que adivinhar na lombada a terra de Santa Cruz.

Eis ahí dois exemplos patheticos da attitude dos intellectuaes portugueses.

Realmente, é conceder-nos pouco: uma banda anonyma ou uma dignidade de encoberto.

Entretanto não protestamos; e nosso povo é indifferente e quase inerte para essas recriminações inúteis. Conhece a intenção e absolve a pequena culpa.

Ha, pois, um jacobinismo português, mais excessivo que o nosso e mais perigoso que a usurpação dos Felipês.

—*Santiago y cierra Espanha!*

João Ribeiro

A 21 do corrente completou mais um anno de existencia o sr. Jôe Collaço, official de gabi-

nete do sr. Governador do Estado e deputado estadual.

Figura de escôl na sociedade e nas letras catharinenses, Jôe Collaço conquistou pelo seu espirito, o alto conceito de perfeito *gentleman* em que étido

Festejou a vinte do mez corrente o seu dia natalicio, o sr. Jôe Cancio de Souza Siqueira, capitão ajudante de ordens do sr. Governador do Estado.

Felicitamo-lo sinceramente com effusão.

Pessoa vinda de Paranaçu dera-nos a respeito da Companhia Cancelli, a noticia que publicamos ao pé da pagina cinco.

Lemos depois no «Commercio do Paraná», de 19, que a mesma companhia fóra applaudida naquella cidade durante a representação da peça «Gatuno do Amôr».

Alguem, no intuito de fazer um acinte á imprensa «catharinense» desta Capital, que veberára o procedimento da Companhia Cancelli, estampou em um «placard», no Café Natal, o topico do «Commercio do Paraná», de Curitiba, a que nós referimos.

Não podemos de prompto averiguar quem faltou com exactidão: se o nosso informante se o jornal de Curityba por intermedio de seu correspondente em Paranaçu.

Como quer que seja, porém, nós mantemos o nosso conceito e estamos certos que a imprensa «catharinense» de Florianopolis mantem tambem o seu. Note-se que nos referimos á imprensa «catharinense» de Florianopolis.

Dr. Edmundo Luz Pinto

Advogado

Rua do Rosario

n. 159

1.º ANDAR

RIO DE JANEIRO

Constantino Garofallis & Cia.

Commissão, Consignação e Conta Propria

Endereço Telegraphico—GAROFALLIS

Codigos: A. B. C. 5.º Ed. melhorada, Ribeiro, Borges e particular

CAIXA POSTAL N. 6

FLORIANOPOLIS—SANTA CATHARINA

EXPORTAÇÃO DE:

Café, Farinha de Mandioca, Arroz, Batatas, Bonha, Feijão e outros productos do Estado

IMPORTAÇÃO DE:

Vinhos do Porto, Conservas, Nogueira, Sal e Farinha de trigo das acreditadas marcas Favorita, Cruzado, Lili, Goldmedal, Surprise, Claudia e Rio Branco

Unicos depozitarios n'esta Capital da afamada agua de mesa «Club Sôda», em todo o Estado da saborosa Cerveja «Mineira»

Salão Sepitiba

Especialidade em côrtes de cabelo á inglesa—Massagens vibratorias electricas

Grande stock de perfumarias nacionaes e estrangeiras. Extractos, loções, brihanfinas, cremes, sabonetes, pó de arroz, etc. dos melhores fabricantes francezes e ingleses

—Sortimento de objectos para toilette—

Gravatas e collarinhos da afamada marca «Hercilio Luz»

Rua Tiradentes n. 10

ESCRITORIO COMMERCIAL

Aceita e encarrega-se de qualquer cobrança commercial ou particular.

Encaminha ações civeis ou criminaes.

Prepara em 24 horas todos os papeis para casamentos em quaesquer dos casos previstos pelo Codigo Civil.

Faz todo e qualquer despacho de importação e exportação, despachos maritimos etc.

Encarrega-se de serviços em Repartições publicas, recebe vencimentos etc.

Faz distribuir encarrega-se de serviço de convites para festas, bailes, entorros, etc.

Todo e qualquer negocio deve ser tratado no Escriptorio das 9 ás 16 horas, na rua Visconde de Ouro Preto n. 1—onde está instalada a Redacção da „TERRA“

Dr. Alfredo da Luz

E

Dr. Gilberto Paranhos

— ADVOGADOS —

Escriptorios em

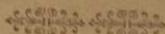
FLORIANOPOLIS BLUMENAU

e

RIO DE JANEIRO

(Avenida Rio Branco n. 56)

1º ANDAR



Empreza Garcia

— «O» —

Fiação

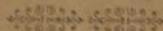
Tecelagem

Fundição

Marcenaria

BLUMENAU

— S. Catharina —



Hering e Cia.

— Fiação e Tecelagem —

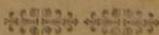
FABRICA

de tecidos

de meia

Blumenau

Santa Catharina



Gustavo Salinger & Cia.

Importação e Exportação

Productos

catharinenses

Artigos Extrangeiros

— «O» —

BLUMENAU — Santa Catharina



Dr. Edmundo Luz Pinto

Advogado

Rua do Rosario

n. 159

1.º ANDAR

RIO DE JANEIRO

Constantino Garofallis & Cia.

Commissões, Consignações e Conta Propria

Endereço Telegraphico—GAROFALLIS

Códigos: A. B. C. 5.º Ed. melhorada, Ribeiro, Borges e particular

CAIXA POSTAL N. 6

FLORIANOPOLIS—SANTA CATHARINA

EXPORTAÇÃO DE:

Café, farinha de Mandioca, Arroz, Batatas, Banha, Feijão e outros productos do Estado

IMPORTAÇÃO DE:

Vinhos do Porto, Conservas, Xarque, Sal e Farinha de trigo das acreditadas marcas Favorita, Cruzeiro, Lili, Goldmedal, Surpresa, Claudio e Rio Branco

Unicos depósitos n'esta Capital da afamada agua de mesa «Club Sôda», em todo o Estado da saborosa Cerveja «Mineira»

Salão Sepitiba

Especialidade em côrtes de cabelo à inglesa—Massagens vibratorias electricas

Grande stock de perfumarias nacionaes e estrangeiras. Extractos, loções, briliantinas, crêmes, sabonetes, pó de arroz, etc. dos melhores fabricantes francezes e ingleses

—Sortimento de objectos para toilette—

Gravatas e collarinhos da afamada marca «Hercilio Luz»

Rua Tiradentes n. 10

ESCRITORIO COMMERCIAL

Acceita e encarrega-se de qualquer cobrança commercial ou particular.

Encaminha acções civis ou criminaes.

Prepara em 24 horas todos os papeis para casamentos em qualesquer dos casos previstos pelo Código Civil.

Faz todo e qualquer despacho de importação e exportação, despachos maritimos etc.

Encarrega-se de serviços em Repartições publicas, recebe vencimentos etc.

Faz distribuir encarrega-se de serviço de convites para festas, bailes, enterros, etc.

Todo e qualquer negocio deve ser tratado no Escritorio das 9 às 16 horas, na rua Visconde de Ouro Preto n. 1—onde está instalada a Redacção da

„TERRA“

Hoepecke, Irmão & Cia.

SANTA CATHARINA

Endereço telegraphico:

HOEPCKE

Codigos

ABC 4 e 5 Ed.—Ribeiro

Watkins.—Carlowitz

Matriz: Florianopolis

Filial: São Francisco

Correspondentes em Lages e na Laguna

Importadores de:

Fazendas e armarinho, Ferragens, Generos de estiva

SECÇÃO DE MÁCHINAS

Representantes de:

General Electric Company, Schenectady, N. Y.

Vacuum Oil Company, Rochester

The Studebaker Corporation of America

Companhia S K F do Brasil

Proprietarios:

da Fabrica de Pontas de Paris «Rita Maria»

da Fabrica de Renda e Bordados «Hoepecke»

da Fabrica de Arame Farpado e de Grampos para cerca

da Empresa Nacional de Navegação «Hoepecke»

do Estaleiro «Arataca»

da Fabrica de Gelo.

Hyppolito Boiteux & Cia.

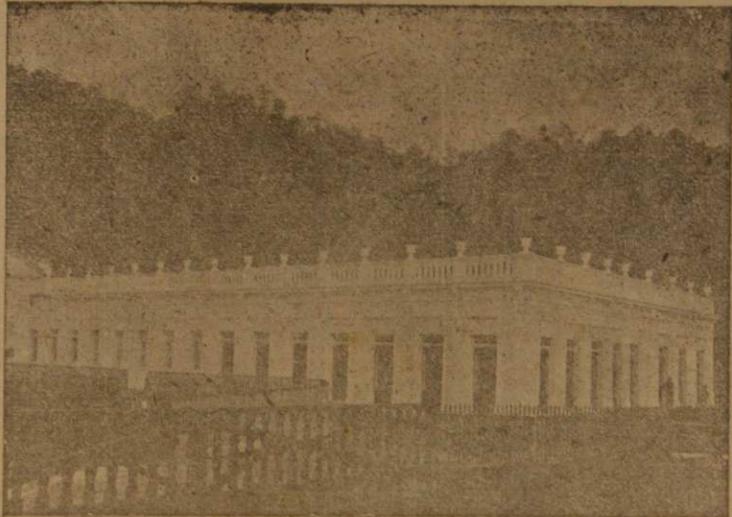
Completo sortimen-
to de: fazendas,
armarinho, ferrag-
ens, louças dro-
gas, calçadões,
chapéus, papela-
ria, tinta, oleos,
seccos e molha-
dos

Expórtadores de
madeiras, assu ar,
café, farinha de
mandioca e ce-
reais

Commissões e
Consignações

Rua Coronel
Henrique Boiteux

Rua Guarda
Marinha Marti-
nelli 2



Endereço Telegraphico: "BOITEUX"

Nova Trento S. Catharina

Officina photographica e de gravura

Acha-se funcionando, na *Republica*, a officina
photographica e de photogravura

Attende-se ali a qualquer chamado e encomenda com toda a presteza
Especialidade em reportagens photographicas e clichés

Preços modicos

Cliché minimo 5\$000

Centimetro 100 réis

EDUARDO HORN

SANTA CATHARINA—BRASIL

Matriz—Florianopolis
Caixas Postaes 39 e 40

Filial Lagun,
Caixa Postal

Coda.: A B C 5ª. Ed., Ribeiro (Two in one), Borges, Particulares.
End. Telegr.: *Trigo*

COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Importação—vinhos, sal, farinha de trigo, phosphoros, azeites, xarque, louças, ferragens, assucar, sardinhas, soda caustica, canella, papel, etc. etc.
Exportação—farinha de mandioca, polvilho tapioca, arroz, assucar, feijão, banha, café, frutas verdes, couros seccos, cera d'abelhas, crina animal, etc., etc.

AGENTES—Pereira Carneiro & C. Ltd. (Compãhna Commercio e Navegação), Gomes Ribeiro & Bastos, Empresa de Navegação L. Carsoglio & C.—(Moinhos Santa Lucia, Bahía Blanca, Pahuajó, Santa Cruz)—Waltee & C. Material de toda especie para extincção de incendios—Machinas de desinfecção «Clayton».

Agentes em todas as principaes cidades do mundo

João Grumichè

Architecto constructor

*Encarrega-se de quaesquer
construcções no Estado*

Escriptorio

Praia Comprida

S. JOSE'

FALCHI

São os melhores

BONBONS

E

CHOCOLATES